

mercado de capitais permitiu, especialmente após a lei hipotecária de 1864, a entrada dos bancos no fornecimento de recursos para a economia cafeeira. Entretanto, mesmo com a entrada das instituições bancárias na década de 1870, o crédito continuou restrito, em função dos problemas de risco e assimetria de informações. De fato, o financiamento encontrava-se longe da situação ideal de provimento de crédito, ao ser intermediário entre os detentores de poupança e os investidores. Este cenário mantém-se apenas no plano teórico distante do contexto econômico e social da época.<sup>27</sup>

Em nosso estudo, o crescimento do volume de empréstimos na região deveu-se à entrada dos capitais de origem bancária. Todavia, a maior oferta de crédito beneficiou tão-somente os agricultores de maior porte, com maiores quantias emprestadas a menores taxas de juros e a prazos mais longos. Tais empréstimos não alcançaram grande parcela dos que necessitavam de recursos. A diminuição da rentabilidade cafeeira, aliada às dificuldades crescentes com relação à mão-de-obra cativa, impunha aos que não conseguiam financiamentos nessas condições um ônus demasiadamente grande para os devedores, o que muitas vezes os conduziram a deixar de realizar os pagamentos dos juros e amortizações. Entre 1865 e 1887, apesar da melhora das condições médias de empréstimos, apenas uma pequena parcela dos devedores se beneficiou delas, os quais tinham condições de acessar o mercado de crédito dos grandes centros. Ao final da década de 1880, a deterioração da situação da economia cafeeira na região mostrava-se mais evidente. Assim, não apenas os menos afortunados revelavam-se premidos pela impossibilidade de honrar seus compromissos financeiros, chegando a perder suas propriedades, mas também os que foram favorecidos pelos empréstimos dos bancos também apresentavam problemas para manter-se em dia com seus pagamentos.

Apesar da redução das taxas de juros e o alongamento dos prazos dos financiamentos dos mais ricos, a piora das condições de produção do café

---

<sup>27</sup> Neste sentido, aproximamos da evidência encontrada por Naomi R. Lamoreaux para a Nova Inglaterra (EUA) no início do século XIX: "For years scholars have seen the persistence of traditional social institutions, and especially kinship-oriented businesses, as major impediments to economic development. This view is currently changing, however. Indeed, some students of third-world economies point out that the diversified operations of kinship groups may actually facilitate development by compensating for the high levels of risk and the lack of organized markets that characterize preindustrial societies. At the same time my own work on the New England economy suggests that kinship groups can fulfill this role only with the help of their affiliated banks. Banks not only enable these groups to raise capital from outside their networks, they provide them with an institutional foundation suitable to the special demands and time horizons of industrial enterprise" (Lamoreaux, 1986:666).